

TRÊS HEROÍNAS DO ROMANCE* ANTROPOLÓGICO BRASILEIRO

Mariza Corrêa
Deptº de Ciências Sociais do IFCH

"Is it right to be watching strangers in a play
in this strangest of theatres?"

Elizabeth Bishop

PRÓLOGO

Este texto é parte de um trabalho em andamento, sobre antropólogas e antropologia no Brasil, e trata de três romances dos quais são personagens, centrais ou secundárias, três mulheres que, em maior ou menor grau, contribuíram para uma definição da antropologia no país. (1)

Convém dizer desde logo que não me interessei pelas personagens a partir dos romances: ao contrário, eles me foram sendo indicados a partir de meu interesse

(*) Este artigo é parte de um projeto mais amplo que conta com o apoio da FINEP e do CNPq. É dedicado aos estudantes que, desde 1984, vem acompanhando o seu desenvolvimento com críticas e sugestões originadas de suas próprias pesquisas sobre a história da antropologia no Brasil.

(1) Os romances são Numa e a Ninfa, de Lima Barreto (Editora Brasileira, São Paulo, 1961); No Pacoval de Carimbé, de Bastos de Ávila (Calvino Filho Editor, Rio de Janeiro, 1933) e Os Igarauínas, de Raimundo de Moraes (Roswitha Kempf Editores, São Paulo, 1965).

pelas personagens. A primeira delas, a professora Leolinda Daltro - que é também a única cujo estudo pude desenvolver - era um enigma há muito tempo. (2) No fim dos anos setenta li muito os cronistas cariocas para uma outra pesquisa e vez por outra algumas personagens femininas citadas me intrigavam. Leolinda era também mencionada por Francisco de Assis Barbosa, em A Vida de Lima Barreto, como criadora do Partido Republicano Feminino e defensora do ensino obrigatório do tupi nas escolas primárias. Ela sempre me parecerá uma figura interessante sobre a qual, entretanto, por muito tempo as únicas referências eram essas. Um dia descobri, por acaso em nossa biblioteca, outra referência, a de seu livro Da Catechese dos índios no Brasil (notícias e documentos para a história 1896-1911), Typographia da Escola Orsina da Fonseca, Rio de Janeiro, 1920. Aí aprendi que, antes de ter sido feminista, Leolinda Daltro fora sertanista, guardadas as proporções, ao estilo de Rondon ou dos irmãos Vilas Boas. Voltando a Francisco de Assis Barbosa, recuperei a referência a ela como personagem de um romance de Lima Barreto.

A segunda, personagem obrigatória da história da antropologia no Brasil, é Heloisa Alberto Torres. Roberto Cardoso de Oliveira lembrou o romance de Bastos de Ávila do qual ela é heroína e gentilmente me emprestou sua cópia.

A terceira personagem descobri num seminário em Belém: num dos apartes da discussão sobre a história do Museu Paraense Emilio Goeldi, um dos professores da casa, Osvaldo Rodrigues da Cunha mencionou Emilia Snethlage; Candida Drummond mais tarde me trouxe cópias de um extenso artigo dele sobre Emilia, publicado em O Liberal, de Belém, onde o romance é mencionado. As bibliotecárias do Museu, graças à ajuda de Roberto,

(2) Ver M. Corrêa, "Os índios do Brasil Elegante e a Professora Leolinda Daltro" em Revista Brasileira de História 18 - número especial dedicado ao tema "A Mulher no Espaço Público", editado por Maria Stella Martins Bresciani - ANPUH/Editora Marco Zero, 1989.

continuam municiando minha curiosidade com documentação a respeito dessa cientista. Quando entrevistei dona Maria Luiza Hussak van Velthen, que conheceu Emilia quando ela já trabalhava no Museu Nacional, ela e Marcio Meira - que tinha sugerido a entrevista - mencionaram a re-edição do romance de Raimundo de Moraes do qual ela é personagem. (3)

Vi-me assim com três romances a respeito de três personagens que me interessavam; ignoro se outras pesquisadoras são personagens de romance, mas o fato de elas terem capturado a imaginação romanesca num período de cerca de vinte anos seguramente indica alguma coisa a respeito da situação da mulher pesquisadora neste país.

Aqui não vou me deter na análise da vida ou da obra dessas senhoras - e sim nessa representação romanesca, com ocasionais incursões pela biografia delas apenas quando necessário para esclarecer algum ponto dos romances.

(3) Conto esses detalhes para corroborar a hipótese de Mariza Peirano sobre a importância do acaso nas nossas vidas (ver "Artimanhas do Acaso", Série Antropologia (93), Fundação Universidade de Brasília, 1990). O acaso, como veremos, é também personagem de um dos romances de que vou tratar aqui. O tema é objeto de sérias reflexões: ver René Taton, Reason and Chance in Scientific Discovery (New York, Philosophical Library, 1957).

1. OS ROMANCES

Cronologicamente, elas aparecem assim no imaginário romanesco: Leolinda Daltro em 1915, num dos últimos capítulos do romance de Lima Barreto que apareceu primeiro em folhetim; Heloisa Alberto Torres, em 1933, num romance premiado de Bastos de Ávila, e Emilia Snethlage, em 1938, no romance de Raimundo de Moraes. O enredo em que Leolinda Daltro participa como personagem secundária tem outra mulher como personagem principal, passa-se em 1909 e teve pelo menos dois sub-títulos: "Romance da vida contemporânea" e "Romance sugestivo de escândalos femininos" - o plural aí parecendo incluí-la no que é tema do romance. O que toma Heloisa Alberto Torres como heroína é contemporâneo da ação narrada - a década de trinta - e o que serve de pretexto para louvar a ação de Emilia Snethlage como cientista poderia ter se passado entre 1910 e 1911, época em que ela andou pelas regiões mencionadas no livro. (4)

No tempo real, quando Leolinda encabeçava a passeata de índios pelo centro do Rio, descrita por Lima Barreto, Heloisa mal tinha feito a primeira comunhão e

(4) Raimundo de Moraes, ao contrário dos outros dois autores, não segue uma cronologia estrita na apresentação de sua história: o tempo ficcional às vezes é abandonado a favor da inclusão de algum dado da vida real. A época em que situo o romance é, portanto, aproximada, já que a viagem de Emilia pelo Tocantins foi feita entre 1910 e 1911; embora se mencione que, ao voltar à região, ela vinha do alto Araguaia - viagem de 1927, dois anos antes de sua morte - no final se afirma que ela estava "longe de tomar". Sobre Emilia Snethlage, ver Osvaldo Rodrigues da Cunha, "Maria Elizabeth Emilia Snethlage (1868-1929)" em Talento e Atitude, Estudos Biográficos do Museu Emilio Goeldi, I, SCT/CNPq, Belém, 1989 e Helmut Sick, Ornitologia Brasileira, vol. I, Editora da UnB/Linha Gráfica Editora, Brasília, 1988 - a quem o livro é dedicado. Emilia chegou ao país em 1904 e dirigiu o Museu Goeldi de 1914 a 1917 e de 1919 a 1921.

voltava de uma viagem à Europa com a família (o quase naufrágio de seu navio em Lisboa será evocado pelo romancista) e a doutora Emilia já andava há alguns anos explorando os rios interiores do país. Na vida real, Emilia e Heloisa certamente se encontraram no Museu Nacional, onde a última trabalhava quando a primeira transferiu-se para lá, saindo de Belém - embora no romance sobre Heloisa, Emilia, que morrera três anos antes de sua premiação, seja descrita como uma figura "de outrora". E tanto Emilia quanto Heloisa poderiam ter lido nos jornais do Rio as propostas políticas de Leolinda Daltro que, então feminista, ainda lembrava sua atuação como sertanista ao propor o ensino obrigatório do tupi nas escolas brasileiras.

À época da publicação dos romances, Leolinda teria cerca de 42 anos, embora fosse descrita na ficção como "uma senhora idosa"; Heloisa, descrita como "senhorita" teria cerca de 37 e Emilia, "uma senhora", por volta de 43. Só Emilia aparece com seu próprio nome; Leolinda é **dona Florinda Seixas** e Heloisa é a **senhorita professora Lucia de Abreu**. (5)

O leitor de hoje que lesse os três romances tomaria conhecimento de três senhoras mais ou menos na mesma faixa etária, levemente excêntricas: uma por andar em passeatas com índios na capital federal, outra por aventurar-se sozinha nas selvas amazônicas e a terceira por enfrentar, ainda que acompanhada, os riscos de uma Indiana Jones de saias *avant-la-lettre* - com direito a documentos encontrados por acaso e às perseguições de um vilão que, como nos filmes, sempre levava a pior.

(5) Ver Francisco de Assis Barbosa, A Vida de Lima Barreto, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1959:288, para a identificação de Leolinda, lá chamada de Deolinda; a identificação de Heloisa com a personagem de Bastos de Ávila é voz corrente entre os antropólogos que a conheceram e confirmada por vários detalhes do entrelaço.

Quanto ao estilo dos romances, embora cronologicamente posteriores, tanto o de Bastos de Ávila quanto o de Raimundo de Moraes, soam mais 'antigos' que o de Lima Barreto - já considerado o primeiro dos modernos. Em primeiro lugar, porque se passam na região amazônica e a natureza assume proporções avassaladoras no texto e, também, porque os dois se apoiam na tradição das narrativas de viagens - viagens fracassadas em ambos os casos. Já o de Lima Barreto é um romance urbano, fruto de uma tradição literária mais recente.

Bastos de Ávila conta a história de uma professora do Museu Nacional que vê sua teoria esboroar-se (como as urnas de argila que vai desenterrar na Ilha de Marajó) frente ao conhecimento nativo do último representante de uma tribo que nem supunha existir de início. Os episódios da viagem da senhorita Lucia, acompanhada de um afilhado, são os banalmente recorrentes nesse tipo de narrativa: os obstáculos da natureza, o quase naufrágio, o estouro de uma manada de búfalos, as chuvas torrenciais - e a presença, sempre enfatizada, de uma fauna própria à região. Lucia de Abreu, adepta da "teoria do trançado", que explicava porque as urnas marajoaras eram ornamentadas com figuras representadas de cabeça para baixo, descobre no Rio um documento truncado assinado por Ladislau Netto e encontra sua continuação durante a viagem, quando também por acaso é apresentada ao último sobrevivente da tribo que fazia as esculturas, os **Sacacos**. O manuscrito a leva a um sítio onde estão urnas enormes que ela desenterra e, depois de várias peripécias em que se salva graças à astúcia do guia nativo, enfrenta ainda a força da natureza que destrói todos os seus achados - que, por sua vez, já tinham destruído a "teoria do trançado".

No livro de Raimundo de Moraes, uma família ribeirinha do Tocantins é vítima de perseguições políticas, o que força a debandada de seus filhos de uma região onde estavam prosperando. Na volta para casa, todos morrem num naufrágio misto de ataque de índios, com exceção da mulher inglesa de um deles, capturada pelos índios Apiacá e, mais tarde, integrada à tribo. O en-

redo é pretexto para divagações a respeito de várias crendices locais e dos costumes da região - a coroa do Divino, a festa de São João, o Putirum, o roubo de moças pelo boto, entrelaçados às verdadeiras aulas que Emilia Snethlage, supostamente hóspede do personagem central, oferece aos leitores sobre a vida animal e vegetal da região. (6)

A natureza é dominante durante boa parte da narrativa e, tanto no texto de Bastos de Ávila como no de Raimundo de Moraes, as imagens utilizadas para descrever suas ameaças - e encantos - são semelhantes. A descrição dos sinais de uma tempestade na baía de Marajó, por exemplo:

"Negras nuvens, vindas do Norte, cobriram o céu até então estrellado; as águas entraram a agitar-se, a crescer-se, a levantar-se em ondas encapelladas; e de súbito, inesperadamente, o vento mudou de quadrante, começou a soprar de proa, rijo e pertinaz, esfusiando pelo cordame; a trovoadá a principio longínqua, quase imperceptível, ia pouco a pouco aumentando de intensidade, como o tropel de uma cavalhada que se aproximasse a galope; e dentro em breve, os relâmpagos zigzagueavam em torno e por cima do Deus te salve,

(6) Assim, por exemplo, ao impedir a morte de um inseto num barco:
" - Não se assuste, disse ela. A jaquiranaboia sempre foi inofensiva. É talvez o melhor símbolo da Amazônia. Tida esta região como maléfica pelos aventureiros escandalosos, os sábios a gabam, mostrando a beleza de seus panoramas, a espontaneidade de sua fartura, a bondade de seu clima. Assim, continuou, a jaquiranaboia. Julgada venenosa pela maioria dos escritores que vem repetindo as mais sísdudas asneiras deste trecho do planeta, é apenas uma cigarra esquisita, porém tão foliona como as outras, que vivem a cantar e a estridular " (C. de Mello Leitão, no seu famoso livro Zoogeographia do Brasil, chama a este inseto de jitirana boia. Estará com a razão? Cigarra, na língua geral, é jaqui, rana falso e boia, cobra. Jaquiranaboia quer dizer cigarra - falsa cobra, porque a tromba, quando o inseto está de asas fechadas, lhe dá um aspecto de pequeno ofídio. Também não é fosforescente, capaz de justificar a classificação de *Lanternaria phosphorea*.)"

rasgando o negrume de breu que o envolvia." (Bastos de Ávila, p. 143)

"No fundo do horizonte, tornado escuro rapidamente, fuzilavam relâmpagos que não se ouviam ainda, como se viessem marchando do infinito, tão longinquo, para um drama ajustado a horas certas. As gaivotas que passavam piando transidas, já levavam na linha das asas um sinal de borrasca que lhes arrepiava as penas. (...)

A água escura, em colinas ameaçadoras, trazia o capuz alvo da carneirada. (...)

As nuvens escuras, rolando em novelos negros, pareciam manadas de búfalos atropelando-se no ar. O céu caliginoso, decorado de fuligem, dir-se-ia ter baixado para que as bordas dos mastros se lhe entrassem na redoma." (Raimundo de Moraes, p. 35-36)

E, sendo a natureza manhosa, ambos enfatizam a necessidade de um conhecimento prático para lidar com ela. Descrevendo a "percepção apurada e rápida" necessária ao piloto de um barco, Raimundo de Moraes o define como se ele fosse uma máquina sensível ou um adivinho a ler indícios: "Seus sentidos ganham delicadezas de aparelhos vivos, remarcando mil nuances físicas, de aspectos cósmicos. Vem-lhe daí o apuro das visadas que por uma nuvem, por um rebojo, por um barranco, por uma árvore decifram enigmas lacrados para outro qualquer estranho aos trabalhos de bordo. O retardatário desta aprendizagem não sabe ler os símbolos estampados nos múltiplos panoramas do céu e da terra; é fechado aos avisos como se fora de pedra; e sofre o castigo dessa ignorância, mal pretende dirigir um gaiola." (p.34)⁽⁷⁾

(7) Raimundo de Moraes (1872-1941) aos dezoito anos "tirou carteira de prático e piloto fluvial dos rios Madeira e Purus. Comandou o navio 'Rei Lear', antigo transatlântico, que na época transportava carvão para um pontão na boca do Pauhiny, afluente do Purus." (Apresentação da edição citada.) No trecho seguinte ao seu elogio ao piloto prático, Raimundo de Moraes expressa seu desprezo pelos que desconhecem aqueles sinais e responsabiliza o comandante pelo

Bastos de Ávila lhe faz eco: "Medindo todas as responsabilidades que lhe pesavam sobre os ombros, Zé Sarrafo apurava os sentidos syntonizando-os com os fulgores e ribombos da procella. Era por isso que nem sempre os homens atinavam desde logo com o porque de suas ordens, não obstante, promptamente obedecidas. É que os ouvidos de Zé Sarrafo sabiam distinguir do estrondo do trovão o grosso marulhar das ondas arrebetando nos baixos. (...) Só então escapando ao perigo, os homens compreendiam a pericia do mestre insuperavel." (p.145-46)

Sentidos delicados, sintonizados; apuro da visada ou dos ouvidos: é um saber prático - e local - que é louvado aí.

Mas se a natureza é caprichosa e, afinal, sobre-põe-se à tentativa de homens - e mulheres - em subjugá-la, é também o cenário ideal para um discurso a favor da ciência, representada por "naturalistas", e que se apresenta, ele mesmo, como "científico". A começar pela apresentação formal do texto: Raimundo de Moraes e Bastos de Ávila não só salpicam a ação romanesca com nomes de pesquisadores reais, mas também se utilizam de notas de pé de página e citações em outras línguas para apoiarem suas descrições e/ou fabulações. (8) Ambos os livros são também fartamente ilustrados: o de

(7) (cont.) naufrágio: "Malandro sem idoneidade, indisfarçável cavalheiro de indústria, explorava a boa fé dos armadores como se exploram minas de ouro." Tendo sido também jornalista, é de ver a ironia com que descreve os procedimentos dos jornais locais, à procura dos depoimentos dos sobreviventes.

(8) Bastos de Ávila: "Nas estantes, ou abertos sobre a escrevaninha, livros, muitos livros, quasi uma bibliotheca, em que auctores de todas as línguas se acotovelavam numa desenvoltura encantadora: Fritz Krause, G. Catlin, E. Stoll, Paul Ehrenreich, Dr. Max Schmidt, J. Imbelloni, Roquette-Pinto, Rondon, Fróes da Fonseca..." (p. 20)

Raimundo de Moraes: "Dizque um tal de Barbosa Rodrigues, comentou Anastácio, também era pesado em negócio de folha, casca, raiz. Conhecia tanta coisa que até virava cabeça de indio." (p.62) Ou: "Como não tenho à mão o trabalho de Frederico Katzer, Geologia do Estado do Pará ..." (p.147).

Bastos de Ávila, à moda das antigas Seletas, com gravuras de Magalhães Corrêa; o de Raimundo de Moraes com fotos de personagens e cenários locais de álbuns datados de 1902 e 1908. Em ambos, o Museu Paraense Emílio Goeldi é citação obrigatória na iconografia.

A ciência é, de fato, tanto como a política - que é o foco no romance de Lima Barreto - um personagem importante nesses dois romances. O personagem de Raimundo de Moraes, coronel Anastácio Igarana, "proprietário de sítio plantado de cacauzeiros e seringueiros, além das terras povoadas de castanheiros lá para o alto rio" (p. 20), "apesar de amatutado, de acordo com o meio, tinha, de quando em quando, lampejos do homem que chegara até o segundo ano de Medicina na Bahia." (p. 64)⁽⁹⁾ Sua esposa também é apresentada como uma pessoa educada: "D. Vitorina é professora normalista. Completou o curso com distinção em Belém, sendo oradora da turma. Ficou amatutada, como todos nós, de acordo com o Redentor, que é envolvido por uma vizinhança roceira." (p. 89)

Marido e mulher, e mais seus agregados, demonstram uma sede de saber que é verdadeiramente notável e que vai sendo satisfeita aos poucos pela naturalista - que explica desde os hábitos de nidificação de irunas e graunas, até a origem tupi de tucano, Tocantins, castanha... (com as bênçãos de Plínio Ayrosa). Essa importância atribuída à ciência - e à cientista, a quem o coronel ouvia como a "um oráculo" - não impede que Emilia caia vítima da "melodia embriagante do carachué", que só afeta as mulheres: "Meu estado era sonambúlico", diz a doutora, confirmando as crendices locais a respeito do canto do pássaro (p. 133).

O elogio de Bastos de Ávila à ciência - e à cientista - é muito mais explícito. Ao ouvir a explicação do último sobrevivente dos nativos da ilha de Marajó

(9) Os lampejos às vezes lhe faltavam. Por exemplo quando um jornalista observa: "Estou vendo que o senhor é adepto da doutrina de Darwin.", ele responde "Nem conheço."

sobre as inscrições num pedaço de urna, a professora Lucia pensara: "Que sucesso não iria provocar aquella descoberta, que profunda revolução na philologia indigena! A que mundo de consequências inimagináveis a sciencia da linguagem seria levada por uma simples obra do acaso?!" Ao que o narrador replica: "A Sta. Lucia de Abreu era injusta para consigo mesma. Ao acaso em verdade, se tem muito injustamente attribuido grandes descobrimentos." E a seguir explica que a genialidade, e não o acaso, tinha sido responsável pelas descobertas de Newton, Galileu e Champollion, concluindo: "Assim também não fora somente o acaso que levava a Sta. Lucia de Abreu á presença de Sacaco: fora sua fé na sciencia, sua constancia no trabalho, os esforços conjugados de sua mocidade estudiosa. E não seria demais dizer-se que aquelle desfecho inesperado não se chegaria sem sua collaboração decidida." (p. 119-20)⁽¹⁰⁾

Ele próprio um cientista, ao contrário do romancista de Os Igarauñas, não se preocupa em por na boca da personagem as explicações sobre a fauna local e, assim, se estende sobre tópicos tais como a caça ao jacaré (ou "saurio asqueroso"), a postura de ovos das tartarugas e se ocupa em referendar com uma nota bibliográfica a fala do guia ou a listar as espécies de fauna encontradas (24 num só parágrafo - p. 163).

Se no caso de Raimundo de Moraes a ciência local é equiparada à Ciência com maiúscula (não só a perícia de um piloto prático é louvada: também a culinária e as mezinhas recebem uma descrição detalhada e aprova-

(10) Continuando a discorrer sobre os habitantes da ilha de Marajó, o narrador cita em nota de pé de página o trabalho de Heloisa Alberto Torres, "Ceramica de Marajó" Para uma breve nota biográfica de Heloisa, ver Luiz de Castro Faria, "Heloisa Alberto Torres (1895-1977)", Anuário Antropológico (77), Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978. Castro Faria também se refere ao romance como inspirado na viagem dela à ilha de Marajó. Heloisa ingressou no Museu Nacional em 1925 e foi sua diretora de 1938 a 1955.

dora), para Bastos de Ávila há no Brasil um absoluto descaso pelos "productos locais, característicos da terra". "Onde está a velha Bahia, aquela Bahia que todos conhecemos pelo menos de tradição?! A Bahia do carurú, do efó, do bobó, do vatapá, da muqueca, do abará, do acarajé, das frigideiras, do camarão?! A Bahia da canjiquinha, da mãe-benta, do manoé, dos sequilhos, do mungunzá?! Diga com franqueza, Professora, vale a pena sahir uma pessoa do Rio, com risco de uma panne, fazer em pleno Atlantico uma descida forçada, para, em São Salvador de Bahia, se tomar uma *consommée à l'oignon* ou uma *omelette aux fines herbes*?" (p.57)⁽¹¹⁾ Isto é, o saber da doutora Emilia se soma ao saber local, ainda que sendo de outra ordem: ela aprende com ele e o reforça com referências; o saber da professora Lucia sobrepuja o saber local, do mesmo modo que a *omelette aux fines herbes* substituiu o acarajé. No primeiro caso, o conhecimento científico pode ser assimilado cordialmente pelo saber local; no segundo, o conhecimento científico é uma violência infligida a ele.

Tal descaso estende-se às instituições científicas localizadas fora do centro do país. Vale a pena comparar a descrição que o autor faz do Museu Nacional com a que faz do Museu Goeldi. Ao chegar ao Museu Nacional, a professora vê a seguinte paisagem: "esquerda, o lago verde, tranquillo, morto como água morta que é. Uma ilha emerge da superficie parada, a ilha dos 'Amores', um bosque em miniatura, sombras, flores, columnas partidas - quasi um symbolo! Adiante, uma serpente em bronze aflóra à superficie das águas, soerguendo as fauces escancaradas. Mais para o lado um marmore branco destoa gritantemente do ambiente verde: um homem debruçado sobre uma rocha soccore a um naufrago, pobre mulher, os cabellos gottejando, os olhos cerrados, desfallecida.

(11) É interessante notar que os nomes dos pratos baianos são gritados do mesmo modo que as palavras estrangeiras.

Barcos sulcavam o lago, tripulados por garotos em gazeta, pequenos inteligentes que ao recinto fechado de uma sala de classe preferiam, muito justamente, a liberdade sem peias daquelle recanto amavel e a alegria sem par da natureza em festa. À direita, era o bosque em declive suave, cheio de sombras mysteriosas; eucaliptos esguios, tamarindeiras frondosas, figueiras amolentadas em sapopembas; nos claros touceiras de aningaes e palmeiras naturalmente esbeltas... Aqui e alli bancos de pedra convidam à meditação." (p.16-17)

Muito diferente é o cenário encontrado pela professora ao chegar ao Museu Goeldi:

Um jardim quasi abandonado o cercava, bello, não obstante, pelas bellas arvores que lhe davam sombra; alguns animaes, aves e roedores, o povoavam fugindo ariscos à vista dos raros visitantes que os surpreendiam. (...)

A impressão recebida pela Professora ao penetrar no recinto do estabelecimento foi dolorosa. Si Goeldi, do retiro bucolico em que agazalha a velhice cansada, num recanto pacifico de sua terra natal, pudesse imaginar a que estado de decadencia vae descambando o monumento gigantesco que creou, talvez ainda dos impetos de sua indignação cobrasse forças e animo para de novo trocar as nevoas de sua patria pela luminosidade da Amazonia, e tentasse salvar do desmoronamento total, a obra a que tinha consagrado os melhores esforços de sua vida.

E si Snethlage, lá das esferas a que tão cedo a levou o destino implacavel, fosse dado observar o desca-so, o desleixo, a desordem daquella casa, outróra um templo da sciencia e hoje, ai de nós! uma ruina de esplendorosas reminiscencias, é certo que seu espirito radioso e faiscante se obscureceria por um momento, diante da incuria dos homens de nossa patria!" (p.104-106) (12)

(12) Sobre o Museu Goeldi, ver Osvaldo Cunha, "Histórico do Museu Paraense Emilio Goeldi" em O Museu Paraense Emilio Goeldi, MPEG/CPq/MCT, Banco Safra, Belém, 1986, edição comemorativa dos 120 anos do Museu. Cunha descreve o periodo de 1930 a 1945 como uma "época de fastigio", em que o Museu se recuperou do abandono em que havia caído.

Essa diferença básica entre os dois autores - a exaltação dos costumes locais aliada a um respeito pela ciência, seja ela nacional ou internacional, no caso do escritor paraense versus a deploração do atraso local aliada à exaltação da ciência nacional, no caso do médico carioca - não será sem consequências para a visão política de ambos. (13) Raimundo de Moraes faz com que a trama política local atravesse seu enredo. A princípio, o tom é irônico: o partido no poder é o Mamãomama, seus chefes são chamados de tuchauas e o procedimento é o mesmo de sempre ("Principia por um sub-prefeito de polícia macho, com carta branca e quinze praças. Mande encostar a madeira no mais chibante e telegrafe comunicando que os homens são anarquistas.") - ilustrado até pela citação de um caso real. (14) Progressivamente a ironia se transforma em tragédia e, no dia das eleições, ao ver que os capangas de seu partido se bandeavam para a oposição, o coronel se desliga dele, desgostoso com a política. Seus filhos, que viviam no alto Tocantins, começam a ser perseguidos e são obrigados a deixar suas propriedades e é ao voltarem para casa que são destroçados pelas forças naturais: cachoeiras e índios traiçoeiros. O coronel morre também ao receber a notícia e sua esposa, enlouquecida, desaparece. Mas esse ainda não é o final da história.

Se no caso de Os Igaraúnas a política é determinante para o desfecho da saga familiar - atingindo-a como se fosse uma força da natureza - no romance de Bastos

(13) No avião que levou a professora ao norte, dois outros passageiros, norte-americanos, merecem as ironias do narrador. O vilão da história é alemão, bem como um ajudante desabusado do piloto e o cientista cuja teoria a senhorita vai desmentir.

(14) "A gente do deputado Isidro Mombança não é marimba que preto toca. Lá quem não é afilhado dele, é sobrinho, é primo, é cunhado, é irmão mangaua, é parente, é aderente, é amigo, é camarada. Até parece o Caiado em Goiás onde não há ninguém pintado..." (p. 48).

de Ávila ela comparece na forma de discurso político. (15) O narrador põe na boca de um personagem, o mesmo que se queixava do nosso desleixo com nossas coisas, uma série de conselhos políticos que, indiretamente, confirmam a identificação da senhorita Lucia de Abreu com Heloisa Alberto Torres. Tanto sua proposta de uma nova divisão do país em seis estados, como sua simpatia por um "inesquecível político fluminense" ou seu plano de "eleição por classes", tornam o personagem um pastiche quase óbvio de Alberto Torres. (16) A senhorita Lucia, quando lhe é permitido falar de política, faz um discurso breve, semelhante ao de Roquette-Pinto - que aparece no romance como o diretor do Museu e que a apresenta ao jornalista: ambos reprovam o pessimismo dele. (17) Diz a professora: "... o brasileiro é um gigante que dorme; é possível que abusando desta circunstancia, o tenham manietado; mas quando despertar verá de quanto é capaz." A própria senhorita Lucia é expressão desse otimismo projetado no futuro e enfatizado em sua apresentação como jovem cientista talentosa - o que não impede que o romance tenha um desfecho melancólico.

(15) "Para cumulo dos males, a politica interesseira e mesquinha, sem duvida alguma a maior praga do Brasil, peor que a sauva e mais nefasta que as seccas, ahi esta vigilante para abafar as iniciativas felizes de alguns patriotas inspirados" (p.36)

(16) Para as propostas politicas do Dr. Pedro Rebouças, jornalista de São Paulo, ver as pp. 34 a 39 e 57 a 66. Para a visão politica de Alberto Torres, ver Barbosa Lima Sobrinho, Presença de Alberto Torres (sua vida e pensamento), Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1968. O naufrágio sofrido pela família é descrito no capítulo XXI.

(17) Edgar Roquette Pinto (1884-1954) foi diretor do Museu Nacional de 1926 a 1935; escreveu o prefácio do primeiro livro de Alberto Torres (Vers la Paix), publicado em 1909, e era, como Heloisa, um dos fundadores da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, criada no Rio de Janeiro em novembro de 1932, mesmo ano em que o romance foi premiado. Ele recebeu um dos prêmios Ramos Paz, da Academia Brasileira de Letras.

O pessimismo em relação à política brasileira é talvez o único elo entre esses dois romances e o de Lima Barreto - além de tratarem, os três, de personagens que interessam à história da antropologia. Mas a 'viagem' e a 'fauna' que servem de pretexto a Lima Barreto são de outra ordem. Trata-se de descrever a trajetória de um político no contexto urbano, na capital do país e de comentar os principais eventos políticos do Rio de sua época. Numa Pompílio de Castro, bacharel nortista, sobe na vida pelo casamento com a filha de um político influente, da oligarquia Cogominho, e torna-se deputado. Como fosse parco em sucessos ao chegar à capital, a esposa se propõe a escrever seus discursos através dos quais ele conquista as glórias mundanas da rua do Ouvidor: ao final se revela que quem os escrevia era um primo, amante da esposa. Para não perder a fama, o marido finge não saber de nada. A amargura de Lima Barreto em relação à hipocrisia da sociedade carioca e sua pesada ironia para com nossos políticos estão bem expressos neste romance à clef já tantas vezes analisado. (18)

Para os nossos propósitos basta saber que Dona Florinda Seixas é Leolinda Daltro e Bentes é Hermes da Fonseca. Ela entra na história como uma entre tantos participantes das manifestações de rua que se faziam à época da sucessão de Afonso Pena por Hermes da Fonseca - ridículos uns, terríveis outros. Aqui, como em outra crônica onde trata de Leolinda, Lima Barreto é crítico feroz da professora. (19)

(18) Para uma análise do romance, ver Paula Beiguelman, Por que Lima Barreto (Ed. Brasiliense, São Paulo, 1981) que, entretanto, não menciona Leolinda e, para uma contextualização das idéias de Lima Barreto, Nicolau Sevcenko, Literatura como Missão (Ed. Brasiliense, São Paulo, 1983).

(19) Lima Barreto tratou de Leolinda Daltro em pelo menos uma crônica, "O nosso caboclisto", em Marginália (Ed. Mérito, São Paulo/Rio de Janeiro, 1953), onde critica a candidatura dela à prefeitura do Rio.

O capítulo dedicado a ela começa assim: "Entre nós, muita gente tem mania de caboclo e havia na cidade uma senhora idosa, Dona Florinda Seixas, que cultivava essa mania com muito carinho e constância. Desde anos que a sua casa vivia cheia deles; e, ao surgir a candidatura Bentes, Dona Florinda aderiu a ela com os seus caboclos hirsutos. Acontecia também que Bentes tinha um tio, já falecido, mais ou menos notável; e Dona Florinda muito naturalmente juntou a sua mania indígena à admiração que sempre professou pela memória do tio de Bentes, o Almirante Constâncio. Fundou, conseqüentemente, uma sociedade - Sociedade Comemorativa do Falecimento do Almirante Constâncio. O principal fim da sociedade dizia-lhe o nome; mas tinha outros, entre os quais, o do ensino do guarani e o das aclamações às pessoas de destaque." (cap IX)

As substituições aqui usadas são análogas às feitas no caso de outros personagens: a amizade de Leolinda com a esposa de Hermes, Orsina da Fonseca, transforma-se numa admiração pelo tio de Bentes; a Associação de Protecção e Auxílio aos Selvícolas do Brasil, criada por ela em 1908, funde-se com a União Cívica Brasileira e o Gremio Patriótico Leolinda Daltro - sociedades também fundadas por sua iniciativa em defesa dos índios - e o almirante Constâncio é provavelmente uma evocação do marechal Rondon, sempre homenageado por essas associações todas. (20) Leolinda tampouco é poupada das insinuações que atingem os políticos retrata-

(20) Sobre a fase feminista de Leolinda Daltro ver Fundação Carlos Chagas, Mulher Brasileira/ Bibliografia Anotada, volume I, Ed. Brasileira, São Paulo, 1979 e June Hahner, A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1850-1937, Ed. Brasileira, São Paulo, 1981. Sobre sua fase indigenista, ver David H. Stauffer, "Origem e Fundação do Serviço de Protecção aos índios" (V), Revista de História (46), abril-junho, 1961; Antonio Carlos de Souza Lima, "Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade: considerações sobre a

dos no livro mas, como se trata de uma mulher, elas são de outra ordem: "Foi subvencionada e, graças ao jeito que tinha para agradar, todos a julgaram muito útil em sanar dificuldades e procuravam-na, aderindo à sua proveitosa associação."

Ou: "Houve quem dissesse que o hino de Dona Florinda era uma canção erótica de origem paraguaia; entretanto, esse detalhe não foi notado e os adeptos de Bentes muito prezaram tão bela homenagem à memória de seu tio." (pp.219 e 223; grifos adicionais).

Curiosamente, já que Lima Barreto não poupava críticas a Rondon e a outros que se interessavam pela causa indígena, a insistência de Leolinda Daltro - e não só dela - em retomarmos nossa suposta língua original, foi utilizada por ele em outro romance. Em O Triste Fim de Policarpo Quaresma, também publicado em 1915, o personagem principal é punido por escrever um relatório em língua estrangeira - o tupi, justamente. (21) Numa e a Ninfa e Policarpo Quaresma são lidos, ambos, por Wilson Martins como "uma resposta sardônica, talvez involuntária e acidental, mas por isso mesmo tanto mais significativa, às idéias de Alberto Torres". (22) Que em ambos os romances Lima Barreto ironiza o nacionalismo ingênuo, não há dúvida, e a questão indígena tem sido um bom índice para acompanhar essa discussão. A mesma questão permite imaginar outros diálogos implícitos entre os romances e a vida real: o

(20) (cont.) constituição do discurso e da prática da Proteção Fraternal no Brasil", em João Pacheco de Oliveira Filho(org.), Sociedades Indígenas & Indigenismo no Brasil, UFRJ/Ed.Marco Zero, Rio de Janeiro, 1987 e José Mauro Gagliardi, O Indígena e a República, Editora Hucitec/EDUSP/Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo, 1989.

(21) Ver a observação de Roberto Schwarz sobre "o paradoxo de Policarpo Quaresma" em "Nacional por Subtração" (Que Horas São, Companhia das Letras, São Paulo, 1987).

(22) Ver o volume VI da História da Inteligência Brasileira, Editora Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

diretor do Museu será também autor de um elogio póstumo a Emilia Snethlage; os mesmos freis dominicanos criticados asperamente por Leolinda Daltro na vida real, são objeto de elogio de Raimundo de Moraes, pela boca de Emilia; a política oligárquica local, tão virulentamente atacada por Raimundo de Moraes e Lima Barreto, foi ingenuamente elogiada por Emilia Snethlage, em um de seus relatos de viagem - e assim por diante. (23)

Em resumo, o universo textual dos romances evoca a cena antropológica brasileira de modo bastante enfático, ainda que com maior ou menor sucesso propriamente literário, e põe em discussão temas que, além de interessarem a todos nós, tem particular relevância para compreendermos a entrada, nessa cena, de nossas três personagens.

(23) E. Roquette-Pinto, "Snethlage", Revista Brasileira de Letras, 32 (99), 1930; Raimundo de Moraes, p. 122: "São os dominicanos. Desdobram-se no mais largo trabalho de catequese pela hinterlândia paraense. Frei Gil de Villa Nova, principal desses missionários, é uma figura de frances que remarca a fecunda civilização da França pelo evangelizar de nossas tribos. Esses frades não amansam apenas a terra, mas o homem também. É uma raça de gigantes peregrinando na floresta." (Ênfase adicional.) Para a opinião de Leolinda sobre os freis, ver seu livro e Corrêa (citado). A oligarquia que apoiou a viagem de Snethlage, citada adiante, era a dos Accioly.

2. AS HEROÍNAS

Começando por avaliar o tratamento dado às cientistas. Raimundo de Moraes escreve um romance (com o subtítulo de "Romance histórico - costumes paraenses") no qual a presença de Emilia Snethlage é inteiramente dispensável: nenhum dos episódios depende de sua presença e mesmo a exortação final soa postiça em relação ao enredo.⁽²⁴⁾ Ela dá, entretanto, um tom de otimismo à visão da natureza proposta no romance. Como vimos, são 'forças naturais' as que liquidam com a família do coronel Igarauá e, ainda na edição de 1985, a terra é descrita na contracapa como sendo "tão famosa alhures por sua beleza, pela bondade de seu povo, e pela amplidão aterradora de sua natureza ainda e sempre vencedora." Emilia serviria então como contraponto, como a voz da ciência mostrando o quanto esse terror pode ser dominado pelo ser humano, através do conhecimento. Que a sugestão encontra apoio na própria trama narrativa, demonstra-o o destino dos agregados do coronel: entregues à própria sorte depois da morte dele, o casal João Cabeludo e Merandolina é contratado por um coronel do Acre e, caçando e pescando, lavando e engomando, transformam em jardim das delícias o lugar insópolo ao qual chegam. Eis como o narrador explica isto: "A verdade no entanto, nua e crua, cifrava-se nos conhecimentos do tapuio. A natureza não tinha segredos para ele. Mal chegou ao Remanso, o seringal se transformou ante seus olhos acostumados à flora e à água. Era faminto e ficou farto. Era triste e ficou alegre. Era doentio e ficou saudável. A projeção humilde e anônima do cametauara abriu um clarão na vida erma e obscura da mata, como se ali tivesse pene-

(24) "O Museu Paraense não fez até agora à notável germânia as homenagens a que ela tem direito. Devemos-lhe, pelo menos, um busto comemorativo da sua passagem radiosa por aquele estabelecimento" O livro termina com este parágrafo, mencionando ainda, em seu final, o Catálogo das Aves Amazônicas

trado o hálito quente e propício dalguma divindade." (p.197) Também no final do romance, Emília aparece pela última vez como personagem e, depois de perder-se na mata, é salva pela mesma tribo que atacara os filhos do coronel. A natureza, afinal, pode ser conquistada. Emília empresta assim a garantia da ciência ao conhecimento local, refinando-o com as citações em latim da fauna e da flora e apoiando-o com as referências aos livros que sempre levava consigo.

Este papel não a impede de ser vista como mulher: é no barco das mulheres que ela vai a uma pescaria num igapó e sofre como a esposa do coronel o encantamento do pássaro carachuí.

Sofre também a maledicência dos "roceiros":

- Antão quem é esta madama, será?

- Dizque é alemoa do Museu.

- Sabe de um tudo, benza-a Deus. Dizem que bicho de pena é com ela. Comandante deste navio, seu Manoel das Ilhas, conta coisas de arrepiá cabelo da gente a respeito da valentia dela.

- Como antão?

- Na travessia do Xingu para o Tapajós, depois de muitos dias pelo mato adentro, acompanhada pelos índios e Deus, caiu em sezão. Queixozinho dela tremia como vara verde.

- Coitada...

- Antão um tapuio mais saído foi na rede da doutora querendo abusá. Mas não lhe conto nada, cunhado, madama meteu os pés e levantou como uma onça. Tapuio caiu dos quartos e emprestou pena de cotia, soco! (...)

- Não será alguma feiticeira? perguntou o tenente Melquçades, um pau d'água metido a sabido e que fazia estas críticas.

- Ora não seja burro, volveu o comandante, caboverdeano, que não tinha papas na língua. Então você não está vendo logo que uma mulher destas não sairia de sua terra a fim de fazer feitiçaria para vocês, seus quadripedes!" (pp. 67-68)

A história da rede deve ter sido muito repetida pois cinquenta anos depois da publicação do livro, ela me foi contada, em outra versão por uma colega de Emília

no Museu Nacional. Segundo Maria Luiza van Velthen, o que Emilia lembrava era seu susto ao ver um índio perto dela, à noite, numa das viagens e seu alívio ao verificar que ele tinha vindo protegê-la do sereno. Diz Maria Luiza: "Emilia dizia que se fosse na Europa, uma mulher sozinha não poderia confiar num homem como ela confiava naqueles índios." No relato de sua viagem ao Xingu e Tapajós, Emilia conta que teve febre e anota a insegurança dos índios que a acompanhavam, por desconhecerem a região, registrando também a mudança de comportamento deles para com ela tão logo perceberam que ela poderia ser uma garantia no seu encontro com os seringueiros. "Pareciam julgar que eventualmente seriam mais seguros na minha companhia que sem mim. Mostrou-se isto por uma mudança nos modos com que desde então me trataram. Consideravam-me de novo como o seu chefe (emquanto durante os dias anteriores elles tinham-se descuidado de mim de maneira um tanto alarmante) e já não tinha de temer que me deixariam no meio do caminho para voltarem ao Curuá." E mais adiante: "Com a maior facilidade os índios podiam ter-me abandonado em caminho quando estavam cansados da viagem. Só tinham a dizer á sua volta que eu tinha morrido - coisa tanto mais verosimil, quanto os meus companheiros no Curuá sabiam que eu estava soffrendo de impaludismo; porem, apesar de todos os incommodos que a viagem lhes trouxe, não me deixaram. Fieis á promessa acompanharam-me até a primeira barraca dos camaradas, e foi com pezar sincero e muita gratidão que me separei 'elles na manhã de 23 de setembro."⁽²⁵⁾ O relato de Emilia aqui não difere muito do de outros pesquisadores de campo que viajam sem acompanhantes, mas vale notar a transformação que sua história sofreu ao ser transposta para o imaginário romanesco. O narrador, ainda que enfátize tratar-se de conversa de roceiros, de um pau d'água ou de quadrúpedes, não deixa de rela-

(25) "A Travessia entre o Xingu e o Tapajós", Boletim do Museu Goeldi (VII), 1910, Belém, 1913.

tar a versão. O mesmo procedimento adotará ao descrever Emilia, em outra cena. Ao chegar à casa do coronel, ela é assim descrita: "Quanto à naturalista, valia por um atestado de altas qualidades germânicas. Se não era formosa, possuía no entanto uma graça e simpatia que a tornavam envolvente, além da fina inteligência, do trato ameno e da coragem que a sobrepunha, em qualquer momento, ao tipo comum da mulher. "Mas ao banhar-se no rio, Emilia desperta outra vez a curiosidade dos roceiros e até do cachorro da casa: "Exímia nadadora, parecia uma sereia. Movia-se de peito p'ra cima, de bruço, remando com as mãos, impelindo-se com os pés. Valia por um encanto assistir aqueles exercícios aquáticos da moça. (...) Tinha desfeito as tranças amarelas, de sorte que os cabelos, como linhas de uma teia dourada, contrastavam com o líquido verde. Lembra-va fios de ouro sobre lóminas de esmeraldas. (...) Apesar da gente da terra ser toda acostumada a esses banhos, o tipo alvo e loiro da nadadora, dentro de um maiô preto, mergulhado na massa glauca e cristalina das águas, tornava o espetáculo inédito, interessante. Até os cachorros acuavam: au! au! au!" (pp. 119-20).

Na sua última descrição, Emilia não é mais a passageira de um gaiola ou a hóspede do coronel e é retratada no texto também com um certo distanciamento, referida a partir daí apenas pelo seu sobrenome. "... a ornitologista calçou umas botas altas de couro de anta, botou um chapelão vermelho de tucumã à cabeça, tomou a espingarda a tiracolo e fez-se à terra negligentemente, dentro de seu fato masculino de lã, depois de ter metido no bolso alguns tabletes de chocolate e um isqueiro." Apesar de ter-se perdido em seguida (não levara bússola "porque a sua excursão não atingiria a seis horas") é agora a profissional que entra em cena, reconhecendo os frutos comestíveis, fazendo fogo, relembrando observações de Humboldt, dormindo sem medo no meio da floresta.

Essa apresentação final faz eco à de Alípio de Miranda-Ribeiro, ao discursar em sua homenagem na Academia Brasileira de Ciências, em 1926: "Traz o seu cabello como Sofia Kowalewsky - á moda antiga - e usa o

chapeo severo das senhoras de idade; o seu vestuário não deslumbra nas demasias do apuro, mas nos agrada na severidade da forma. Vê-se, às vêzes, um leve vestígio de escolha de moça, nas flores do chapeo ou na disposição da moda; mas a sisudez domina-lhe as maneiras, a simplicidade accentua-lhe a sua predilecção constante - a zoologia. Não é pois a souffragete despeitada e resolvida a rasgar telas raras ou a derribar governos; é a creatura bondosa e experiente de sabedoria que se apraz em estudar, arriscando para tanto a vida, com a mesma naturalidade e modestia com que deseja só encontrar, nos outros, as qualidades angelicas dos santos; e com a mesma firmeza de animo com que prepara e executa as viagens pelo sertão a dentro. "(26)

Como se fosse necessário, enfatizando a profissional, desenfatizar a mulher para que ela pudesse ser aceita como cientista. No universo romanesco, onde vigoram outras leis, a mulher Emilia é até acentuada: menciona-se a sua silhueta, a cor de seus cabelos, sua graça, etc. Mas é então a sua ciência que é 'feminizada'. É curioso que tendo sido famosa pelas coleções de aves que abatia (H. Sick afirma que ela descreveu aproximadamente 60 espécies e sub-espécies novas), seu trabalho com a espingarda Flaubert (detalhe tão literário) não seja mencionado e sua própria condição de ornitóloga seja posta em cheque quando ela sucumbe, como as mulheres da região, ao canto de um pássaro.

A apresentação de Heloisa Alberto Torres é muito mais discreta: senhorita, ela viaja acompanhada de um sobrinho e nenhuma descrição física é oferecida da professora, só suas qualidades morais são enfatizadas. Ficamos sabendo que ela tem "mãos finas mas decidi-

(26) "Discurso de recepção da Dra. Emilia Snethlage na Academia Brasileira de Sciencias e em nome desta proferido em sessão de 26 de outubro de 1926", Boletim do Museu Nacional, XII (1), março, 1936.

das", que fora "formada em uma escola positiva em que a sciencia pura era a unica arma permittida nos prelios em que se batia" e que era um "espírito pratico e resolvido" (pp. 16, 122, 150). O enredo se concentra na apresentação do mistério que ela vai desvendar e, como sub-tema, no desmentido da teoria do trançado. Conforme apresentada no romance, a "teoria do trançado" de Max Schmidt, "o maior dos ethnologos da atualidade", explicava porque as figuras desenhadas nas urnas marajoaras eram sempre invertidas: "De accordo com a hypothese genial do sabio tedesco, os artistas marajoaras muito antes de modelarem em barro as tangas, urnas e pórros, que em nossos dias muito justamente excitam a viva admiração dos entendidos, faziam-no de fibra ou taquara, de que alias são prodigas as campinas de Marajó, tal qual hoje ainda os naturaes da Madeira, em vime manufacturam cestas e utensilios varios. Ora, assim fazendo, ao retratar por exemplo, um de seus deuses phantasticos, era natural que comesassem pela cabeça e arrematassem pelos pés: dahi a inversão que persistiu ainda quando com o decorrer dos anos e quicá dos séculos, entraram os primeiros oleiros a modelar em barro os objectos de uso commum."

Com a ajuda do último sobrevivente dos primitivos habitantes de Marajó ela encontra, desenterra e interpreta as belas urnas de argila cujos desenhos aos poucos vão destruindo a teoria. "A inversão das figuras de que larga manu faziam uso os oleiros de Marajó, explicada por Antonio Sacáco, contrariava completamente a theoria do trançado, defendida pela Professora Sta. Lucia de Abreu em sua memorável conferencia na Bibliotheca Nacional. Esta inversão, pobre Max Schmidt! não significava absolutamente o vestigio de uma technica primitiva conservado pelo espirito de rotina dos artistas mais modernos: implicava, sim, um *modus faciendi* de traduzir graphicamente determinadas idéas e conceitos. O homem mortal era sempre estylisado de cabeça para baixo, isto é, voltado para a terra, que afinal o receberá em suas entranhas insaciaveis. Os deuses immortaes, estes eram representados de cabeça

ao alto, erguidas para os céos inacessíveis, residência paradisiaca dos privilegiados." (pp. 212-13)⁽²⁷⁾

No entanto, toda a prova de sua interpretação seria levada pelas águas, logo depois da morte de seu último intérprete nativo: destruída uma vez pela rapina e teoria da ciência estrangeira, a bela obra dos primeiros habitantes de Marajó, recuperada pela ciência nacional, é agora destruída pela invasão desta é como se a intervenção da professora tivesse precipitado essa destruição: "Naquelle ano as chuvas anteciparam-se. (...) E a Professora assistiu com os olhos marejados de lágrimas, á lenta fusão das peças, ao esboroamento de suas figuras simbolicas, á dissolução final das urnas maravilhosas de que dentro em breve não restava senão um amontoado de lama viscosa e barrenta, que a enxurrada carregava para fóra da barraca..." (pp. 218, 222)

O romance poderia ser lido, assim, como um ensaio em iconoclastia, no sentido atribuído ao termo por Mitchell: desde a primeira imagem do romance (um filme apresentado pela professora), passando pela teoria do trançado, com suas imagens invertidas, até a descoberta das urnas no final, parece tratar-se de derrubar uma ideologia.

Os ídolos só ficam "de pé" ao se tornarem concretos e serem interpretados, isto é, ao ser recuperada a história humana que havia sido neles projetada e esquecida - mas esse reconhecimento da história primitiva dura pouco: logo ele será transformado em conhecimento científico.⁽²⁸⁾

(27) Vale notar que o "pobre Max Schmidt" (1874-1950) ainda vivia quando o romance foi publicado. Ver "Autobiografia de Max Schmidt", Revista de Antropologia 3 (2), 1955.

(28) Não posso repetir aqui todos os passos da interessante análise de W.J.T. Mitchell (Iconology - Image, Text, Ideology, The University of Chicago Press, Chicago, 1987): ver particularmente o capítulo 6, "The rhetoric of iconoclasm, marxism, ideology and fetishism". Ele define assim a retórica iconoclasta: "Um ídolo, tecnicamente falando, é apenas uma imagem com poder ilegítimo, irracio-

Por ser uma mulher a agente dessa transformação não é de admirar-se que a natureza, literalmente, desabe sobre ela.

Numa clave mais histórica, a discussão sobre o destino dos ídolos poderia ser lida, ainda, como a continuação de uma antiga polêmica entre o Museu Goeldi e o Museu Nacional. Na vida real, Ladislau Netto (o autor do texto fragmentado no romance), quando diretor do Museu Nacional, pedira ao presidente da província do Pará o empréstimo das coleções arqueológicas e etnográficas do Museu Paraense, para a exposição de 1882. Parte dessas coleções eram as urnas marajoaras, desenterradas por Ferreira Penna, no sítio do Pacoval, ilha de Marajó, em 1871. "As coleções, que eram pioneiras, foram cedidas por empréstimo, mas até hoje não volta-

(28) (cont.) nal, sobre alguém; ele se tornou um objeto de culto, um repositório de poderes que alguém projetou nele, mas que ele de fato não possui. Mas a iconoclastia tipicamente supõe que o poder da imagem é reconhecido por um outro; o que o iconoclasta vê é a vacuidade, vaidade e impropriedade do ídolo. O ídolo, assim, tende a ser simplesmente uma imagem supervalorizada (na nossa opinião) por um outro: por pagãos e primitivos; por crianças e mulheres tolas; por Papistas e ideólogos (eles possuem uma ideologia; nós temos uma filosofia política); por capitalistas que adoram o dinheiro enquanto ns valorizamos a "riqueza real". A retórica da iconoclastia é assim uma retórica de exclusão e dominação, uma caricatura do outro como alguém envolvido num comportamento irracional e obscuro do qual nós (felizmente) estamos isentos. As imagens dos idólatras são tipicamente fálicas (lembrar o relato de Lessing sobre as serpentes adúlteras em estátuas antigas), e devem portanto ser emasculadas, feminizadas, ter a língua cortada através da negação do poder de expressão ou eloquência. Elas devem ser declaradas "tolas", "mudas", "vazias" e "ilusórias". Nosso deus, por contraste - a razão, a ciência, a crítica, o Logos, o espírito da linguagem humana e da conversação civilizada - é invisível, dinâmico, e incapaz de ser reificado em qualquer imagem material ou espacial." (p.113)

ram ao Museu Paraense, proprietário legal deste patrimônio." (Osvaldo R. da Cunha, 1989:28)⁽²⁹⁾

No romance, não só o mais rico dos ídolos, quase recomposto pela professora, é quebrado por um gato, como o narrador explica o que ocorrera com outros exemplares dessa cerâmica:

"É que Pedro II, sabio e philosopho, mas ingenuo e confiante, concorrendo para maior realce da exposição universal de Paris, de arte retrospectiva, remettera à Cidade Luz os mais bellos exemplares da ceramica marajouara entre ns existentes, exemplares que nos foram infelizmente recambiados em cacos, devido á criminosa falta de cuidado em seu acondicionamento." (p.12)

Seja como for que se possa ler o romance, e apesar de ele ter sido publicado um pouco antes do de Raimundo de Moraes, sua heroína expressa um claro avanço em relação às outras duas: nem desprezada por suas aventuras com caboclos, nem romantizada por sua condição de estrangeira que, de certo modo, colocava Emilia acima das mulheres comuns, Heloisa é bem um modelo de profissional da pesquisa que faz sua entrada no mundo romanesco - e antropológico.

(29) Ver, no mesmo texto, as referências ao debate entre Ferreira Penna e Barbosa Rodrigues, entre 1875 e 1879, a partir da interpretação feita por Barbosa Rodrigues das fotos de duas urnas desenterradas no Pacoval de Marajó. João Baptista de Lacerda, historiando a trajetória do Museu Nacional, registra outra versão sobre a origem da coleção da cerâmica de Marajó, recolhida, segundo ele, por uma expedição ao Pacoval da qual fizeram parte o próprio Ladislau Netto, Gustavo Rumbelsperger e Manoel da Motta Teixeira. "Alli foram descobertos grandes depositos de objetos ceramicos, todos moldados em argila: idolos, phallos, figuras zoomorphas, outras anthropomorphas, urnas funerarias de differentes tamanhos, figuras humanas agachadas, gebosas, em grotescas posturas de jogral, concundinhas, tangas para velar as partes pudendas femininas, pratos com pinturas em volta, parecendo caracteres de uma escripta ideographica desconhecida, e muitas outras cousas originaes e exquisitas, que foram cuidadosamente transportadas para o Museu Nacional." (Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1905, p. 56)

Contrastando com o retrato romanesco feito de Emilia e Heloisa, a personagem de Lima Barreto parece grotesca. A primeira impressão é que isso se deve à maneira grosseira como o romancista apresenta Dona Florinda Seixas, não só fazendo insinuações maliciosas a respeito de sua atuação política, mas também descrevendo sua relação com os índios como totalmente equivocada. Eis como ele narra seus esforços para ensinar o guarani numa aula pública. "Começou a professora por asseverar que o guarani era a língua mais antiga, mais bela do mundo; e exemplificou:

- Meus senhores, vejam só esta frase: **amanacé saçu enacá pinaié**. Sabem o que quer dizer?

O auditório ficou suspenso e Dona Florinda explicou:

- O peixe vive no mar.
- "Tá eado", gritou Tupini.

Dona Florinda voltou-se para o índio e respondeu em guarani:

- **Puxiguera che naicó**.
- "Tá eado", gritou Tupini.

Os circunstantes entreolharam-se, esperando pela continuação da lição.

- Não é só nessa frase que a beleza da língua se revela. Temos outra: **emu mameara cê necê** - quer dizer: minha noiva é bonita.

Tupini disse devagar:

- "Tá eado".
- Tupini! Tupini! Não queira emendar-me!... Esta é língua de outra tribo, **Xerêê corê!**

- "Tá eado".

Os discípulos foram um a um saindo e a lição não foi adiante naquele dia." (pp.221-22)

Tupini era um caiapó que a professora "estimava sobremodo".

Também os protegidos da professora são descritos de modo pejorativo: "Homens da selva, pouco habituados às regras e preceitos das salas, esse jovens hurons praticavam em casas tão respeitáveis uma única inconveniência: embriagavam-se de cair e caçam pelos jardins, dormiam familiarmente com o rosto para o céu estrelado, como filhos das brenhas que eram. Não se diga que

Dona Florinda não empregasse os seus esforços de domadora ou civilizadora para impedir tão indecente cabocismo. Era ela vista a dizer no buffet:

- Tupaná penê cotê!

Os caboclos respondiam, amuados como crianças teimosas:

- "Quelo bebê! Quelo bebê!"

E sacudiam a juba de cima dos olhos, das bordas dos copos e os bebiam às dúzias cheios de cerveja. Gostavam mais de whisky." (p.220)

A "velha senhora", portanto, é, no melhor dos casos, ridícula, seus protegidos estão fora de lugar na cidade, e a relação entre eles é de incompreensão: em tudo e por tudo Dona Florinda é diferente da doutora Emilia e da professora senhorita Lucia de Abreu. Essas não só se relacionavam bem com a natureza - os povos primitivos aí incluídos - como o faziam onde se devia: bem longe da civilização.

A sensação de estranheza que sentimos ao colocar a sertanista ao lado das cientistas nasce, portanto, da percepção de um deslocamento, dela, dos índios e da linguagem. Quando utilizada nos outros dois romances, a língua indígena refere-se sempre aos elementos naturais (frutas, bichos, costumes indígenas) e serve para traduzí-los para a nossa, isto é, para ampliar o nosso conhecimento. Neste, sua citação funciona antes como uma barreira à nossa compreensão: o que quereria dizer emu mameara cê necê?(30)

(30) O próprio editor do romance faz um esforço de compreensão e diz numa nota: "... os exemplos anteriormente citados por Dona Florinda, levando-se em conta a dificuldade da transcrição, parecem de fato justificar a reação "Tá eado" de Tupini; quanto à canção, é realmente guarani e a tradução seria aproximadamente a seguinte: Venha eu caio/ porque?/ venha sim/em verdade já salta/ porque?/ porque?/ sente-se, vamos/ porque?/ sente-se sim/ em verdade sente-se/ porque?/ porque?" (p. 282) Esses eram os versos cantados durante o prístito e Lima Barreto provavelmente jogava com o som do estribilho (maenran pico/maenran pico) para descrever a canção como "erótica".

Essa sensação de estranheza vai se concentrar, finalmente, num grande préstito organizado pela professora: "As tribos dos Mundurucus, Caiapós, Omáguas, Pataxós, Caingangues, Tamoios, Carijós, Charruas, Xavantes e outras apareceram e foram representadas por comissões vestidas a caráter, tendo os respectivos estandartes: folhas de palmeiras, de bananeiras, remos de canoas, capivaras empalhadas; e, ao centro, num caminhão, reclinado sob um bananal verdejante, Tupini, de cocar e enduape, arco e flecha ao lado, pernas nuas, coxas nuas, peito nu e braços nus - o rei da floresta brasileira que marchava para o túmulo do almirante inesquecível." (p.223) O préstito era acompanhado por músicas militares, por "associações de estivadores, de operários, de funcionários, de militares, de senhoras que tomaram parte com seus estandartes de seda, além dos clubes e cordes carnavalescos." Era também acompanhado por um dos esbirros do romance que, todo de verde e amarelo, montado num cavalo enfeitado com florões da independência, "trazia, à guisa de lança, um estandarte em que se lia na bandeirola: 'À ba-la'." Fechando o desfile, grupos de crianças, "como representação do Futuro, condicionado pelo Passado e contido no Presente".

A sociedade nacional parece estar aí representada e o romancista não deixa de aludir ironicamente à cena que ele mesmo criou: "O alto simbolismo filosófico e patriótico do préstito foi muito gabado pelas pessoas simpáticas à causa de Bentes, sobretudo pelo Diário Mercantil, que viu no fato um ressurgimento do sentimento republicano e nacional. Foi gratuito." (p.224) O préstito - além de provavelmente inspirado numa passeata organizada por Leolinda para chamar a atenção para a desapropriação de terras indígenas - é também uma previsão carnavalizada da chamada primavera de sangue que antecedeu a posse de Hermes da Fonseca na presidência, sinalizada aí pela sinistra bandeirola

levada pelo esbirro que distribuía versos pró-Hermes na passeata. (31)

No entanto, se a figura de Leolinda é estranha, por deslocada, ela cumpre no imaginário literário um papel semelhante ao que cumpriu no cenário carioca ao tempo de seus esforços para tornar visível a questão indígena e, embora ridicularizados, esses esforços de certo modo deram resultado, ao se somarem à outras manifestações que levaram à criação do Serviço de Proteção aos Índios, em 1910. Para nós, ela cumpre outro papel: o de estabelecer, por contraste, o que era aceito como legítimo e o que era negado na atuação de mulheres no início do século. Apesar de todas as suas viagens pelo interior do Brasil e pelo exterior, a atuação de Emilia Snethlage, sua contemporânea, não era pública: que se saiba, ela foi notícia apenas de revistas científicas. Leolinda Daltro, ao contrário, desde o começo tornou pública a sua atuação "em prol dos indígenas", e essa publicidade é que a tornou vítima de inúmeras críticas nas crônicas dos jornais, personagem de caricaturas dos diários - sua expedição tendo sido tema de uma peça teatral burlesca.

Os dois romances anteriormente tratados, em suma, validavam as personagens que retrataram, validando também uma atuação discreta - ainda que incomum - da mulher pesquisadora; Lima Barreto, ao contrário, expressa até o limite da caricatura o escândalo que a presença de Leolinda, e dos índios, representava, justamente por ser tão indiscreta. Em todo o caso, tendo sido antes personagem político que científico, talvez a professora não esteja deslocada, afinal, ao encontrar lugar no romance de Lima Barreto. E, também de modo adequado, é no romance mais 'moderno' que vamos encontrar uma personagem que parece guardar mais semelhanças com as mulheres contemporâneas do que com as mulheres de seu tempo.

(31) Em setembro de 1909 dois estudantes morreram baleados durante uma manifestação de rua; o tenente do exército acusado do disparo foi absolvido dois anos depois, por um júri do qual fazia parte Lima Barreto. Quando ministro do exército, Hermes da Fonseca havia popularizado os desfiles militares no Rio de Janeiro.

3. ANTROPOLOGIA ROMANESCA OU ROMANCE ANTROPOLÓGICO?

Escrevendo sobre as mulheres pioneiras da antropologia norte americana, Nancy O. Lurie pôde citar um punhado delas nascidas antes de 1885 - ano da fundação da Women's Anthropological Society - mulheres que ajudaram a "estabelecer a antropologia como uma disciplina reconhecida" na passagem de uma era onde predominavam "pesquisadores auto-didatas, que com frequência financiavam suas próprias pesquisas, para uma era onde havia programas sistemáticos de treinamento na pós-graduação, levando ao doutorado e à possibilidade de se ganhar a vida como antropólogo." (32) Era também uma época em que "estudos antropológicos" eram sinônimo de "estudos de sociedades indígenas". Todas as personagens retratadas por Lurie se dedicaram à pesquisa de grupos tribais que viviam nos Estados Unidos. Ainda

(32) Nancy Destreich Lurie, "Women in Early American Anthropology", em June Helm (ed.), Pioneers of American Anthropology - the uses of biography, Un. of Washington Press, Seattle & London, 1966. As mulheres citadas são Erminnie Smith, Alice Fletcher, Matilda Stevenson, Zelia Nuttall, Frances Densmore e Elsie Clew Parsons. Desde então, algumas dessas senhoras já receberam tratamento biográfico autônomo. A autora dá conta assim da questão de porque estudar mulheres antropólogas: "Em primeiro lugar, havia uma certa motivação sentimental para resgatar da obscuridade mulheres que devem ter sido personalidades notáveis mesmo que apenas com espíritos pioneiros. Em segundo, havia a esperança da emoção: o feminismo militante em marcha, batalhando pelos direitos das mulheres na ciência. Por último, havia a curiosidade a respeito da definição do papel da mulher na antropologia. De fato, as mulheres pioneiras não tinham sido relegadas a maior obscuridade do que vários de seus contemporâneos homens que foram também notáveis espíritos pioneiros. Que elas fossem incomuns, dada a posição social das mulheres no final do século dezanove e início do vinte, reflete-se em suas vidas, e um certo folclore encantador está ligado a sua lembrança, sempre que seus nomes são mencionados."

que no Brasil o intervalo entre o período dos auto-datas e o dos profissionais tenha sido mais longo que lá, a antropologia que começou a se definir aqui desde as primeiras pesquisas feitas pelos naturalistas alemães no século passado adquiriu mesmo sentido. Assim, não é estranho à essa tradição imaginar que o trabalho de nossas três personagens possa ser definido como antropológico, mesmo com aspas. Emilia Snethlage, a mais profissional das três, era uma ornitóloga com formação acadêmica (tendo obtido o grau de doutor em ciências na Universidade de Freiburg em 1904) e foi na área dessa disciplina que seu nome foi conservado nos anais da ciência brasileira. Isso não a impediu de registrar observações extremamente interessantes sobre algumas das tribos com as quais conviveu no decorrer de seu trabalho. (33) Parte deste trabalho, desenvolvido no Museu Nacional, sobrepôs-se ao de Heloisa Alberto Torres, num período em que os museus eram ainda o centro institucional da atividade antropológica, como quer que ela fosse definida - e lugar onde iriam ocorrer as iniciativas que levariam à profissionalização da disciplina. Leolinda Daltro, apesar de ter tido ligações com representantes de instituições científicas - fosse do Museu Nacional, fosse do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ou da Sociedade de Geografia, através de sua seção de etnografia - não teve uma formação acadêmica, nem acadêmicos eram os seus propósitos junto aos grupos indígenas que visitou.

(33) Ver, por exemplo, "A Travessia entre o Xingu e o Tapajós", com mapas da região identificando os grupos indígenas locais e fotos dos índios Chipaya e Curuahé. Ela tinha clareza da importância dessas observações. "Estas duas tribus são principalmente conhecidas até agora na literatura geographica e ethnographica por noticias colhidas pelo principe Adalberto da Prussia e por H. Coudreau. Mas nem estes dois viajantes nem K. v. d. Steinen entraram em relações directas com elles. Assim não parece ser sem interesse de reunir aqui os respectivos trechos dos livros dos meus predecessores, as informações recebidas do coronel Ernesto Accioly e as observações feitas por mim." (p.58)

É portanto o aspecto enfatizado pelos três autores aqui citados - o da ligação das três com grupos indígenas ou com representantes desses grupos - o que permite incluí-las num mesmo conjunto. No imaginário romanesco, a antropóloga começa a ser definida como a mulher que podia explicar o sistema de couvade (Emilia), projetar "intensa luz sobre os hábitos, costumes e cultura dos primitivos habitantes de Marajó" (Heloisa) ou que tinha "mania de caboclo" (Leolinda) - ainda que não fosse explicitamente definida como tal. Este é o primeiro critério implícito na construção das três personagens - ainda que uma fosse definida como naturalista, outra como especialista em cerâmica e a terceira como maníaca - que as liga entre si e permite vê-las no universo textual dos romances, e assim apresentadas ao público leitor, como pioneiras na história da antropologia brasileira.

Mas há ainda uma outra razão para incluí-las no romance antropológico brasileiro e uma razão que incide diretamente no debate que nos interessa aqui. Ao discutir a emergência de uma ideologia disciplinar moderna, George Stocking chama a atenção para o trabalho de campo como um estilo de pesquisa (*style of inquiry*) que distingue a antropologia de outras disciplinas. (34) Como vimos, nossas três personagens dão sobejas demonstrações de sua adesão a esse estilo de investigação, mesmo que essa adesão, tratada com respeito em dois casos, seja ironizada no terceiro. O pesquisador de campo é aquele que esteve lá, como diz Clifford Geertz, mas é só quando volta para cá que seu trabalho se legitima. (35)

(34) "Although the establishment of the modern disciplinary ideology is too complex to be explained simply in these terms, it is clearly related to the emergence of a mode of inquiry that has distinguished modern anthropology from other humanistic and social scientific disciplines: fieldwork by participant observation in a small community sympathetic stranger, becomes (to a limited extent) part of the system of face-to-face relationships. This style of inquiry..." George W. Stocking, Jr., "Afterword: A View from the Center", *Ethnos* (2), 1980.

(35) C. Geertz, *Works and Lives*, the anthropologist as author, Stanford University Press, 1988, Stanford, California.

Uma sertanista e duas pesquisadoras vinculadas a museus mostram, assim, nitidamente o contraste na definição do pesquisador de campo que se processava à época dos romances. Se no início do século a mera excursão entre os selvagens parecia um feito suficientemente notável, para os que a observavam do lado de cá, por volta da década de trinta esses observadores pareciam ser mais exigentes e pedir algum resultado dessas excursões, mesmo quando a excursionista era mulher, isto é, se até um certo momento bastava a aventura de visitar o interior do país para despertar a imaginação romanesca a respeito de um pesquisador ou pesquisadora, vinte anos depois essa aventura devia ser justificada por um móvel mais alto - a ciência. É enquanto cientistas que Emilia e Heloisa são singularizadas no romance antropológico - propriamente como heroínas. E, independentemente da tradição oral, que põe uma sombra masculina por detrás de cada uma, nos romances elas são figuras autônomas, solitárias, tratadas como o equivalente feminino de outros pesquisadores de campo mais conhecidos. Essa autonomia será posta em questão no período imediatamente subsequente aquele em que ambas atuaram - quando o modelo de atuação para a pesquisadora de campo passa a ser o da parceria etnográfica. (36) Postos em sequência, os três romances nos oferecem assim uma parábola do próprio desenvolvimento da pesquisa de campo como estilo definidor da pesquisa antropológica e como referente textual da trajetória possível de algumas mulheres dentro dessa tradição mais ampla, comum à disciplina.

Ainda está para ser feito um trabalho mais completo a respeito da influência da literatura sobre a antropologia ou de como os textos literários se apropriaram

(36) Ver Lurie, citada, para o mesmo fenômeno nos Estados Unidos e M. Corrêa ("Antropólogas & Antropologia", projeto de pesquisa apresentado ao CNPq, 1989), para um levantamento de algumas dessas parcerias

de convenções antropológicas, de implícitos da disciplina, e os expressaram na forma romanceada. (37) O que tentei sugerir aqui, com o exemplo de três romances que tomam personagens reais como heroínas, é que quando a história e a literatura se confundem, há boas razões para prestar atenção às propostas da segunda como contribuição às pesquisas da primeira, observação que parece particularmente relevante no caso de romances, ou personagens, secundários. Esses personagens e esses romances, também por tratarem de mulheres, oferecem pistas sobre questões aparentemente insignificantes, detalhes de trechos da história de nossa disciplina - e não são os detalhes, afinal, que sempre prendem a atenção do antropólogo?

(37) Charles Wagley ("Literatura brasileira como fonte para a antropologia", conferência publicada no Relatório da X Reunião Brasileira de Antropologia, Salvador, 1978), Gilberto Velho, org. (Arte e Sociedade, Zahar editores, Rio de Janeiro, 1977 e Antropologia e Literatura: a questão da modernidade, Comunicação (12), PPGAS-Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1988 e Mariza Peirano ("The Anthropology of Anthropology - the Brazilian case", PhD. Dissertation, Harvard, 1980 já vem chamando a atenção para a importância das relações entre literatura e antropologia há algum tempo.

Ver também a análise de Walnice Nogueira Galvão ("Indianismo Revisitado", em Gatos de Outro Saco, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1981) sobre a presença do índio na literatura brasileira. Trata-se de um artigo provocado pela publicação de Maira de Darcy Ribeiro. Em sua análise do romance de Mário de Andrade, Haroldo de Campos faz um cuidadoso levantamento das fontes etnológicas do livro (Morfologia do Macunaíma, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1973).

